

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O TÚMULO DE AFONSO VIEIRA DO MUSEU ALBERTO SAMPAIO, E O CRUZEIRO DITO DE NOSSA SENHORA DA GUIA.

TEIXEIRA, Maria Emília Amaral

Ano: 1959 | Número: 69

Como citar este documento:

TEIXEIRA, Maria Emília Amaral, O Túmulo de Afonso Vieira do Museu Alberto Sampaio, e o Cruzeiro dito de Nossa Senhora da Guia. *Revista de Guimarães*, 69 (1-2) Jan.-Jun. 1959, p. 67-74.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Túmulo de Afonso Vieira

do Museu de Alberto Sampaio, e o Cruzeiro
dito de Nossa Senhora da Guia

Por MARIA EMÍLIA AMARAL TEIXEIRA

Directora do Museu Regional de «Alberto Sampaio» (Guimarães)

Ocupávamos o tempo a recolher notícias sobre as espécies líticas patentes na magnífica quadra de exposição que é o claustro do Museu Regional de Alberto Sampaio e verificámos quão pouco colhíamos, relativamente à primeira peça que se encontra à esquerda de quem transpõe o formosíssimo guarda-porta de ferro (Fig. 1)

Naturalmente, tínhamo-nos socorrido já do inventário geral da Colegiada, de 1665, que registou «benefícios, capelas, sepulturas», etc., tanto da igreja como da «claustra», inventário que conhecemos «de visu» no Arquivo Municipal de Alfredo Pimenta e depois encontramos publicado no jornal vimaranense «O Independente» (1) e na «Revista de Guimarães» (2). Simplesmente, ácerca desta peça não havia a mínima referência, o que nos faz supôr que estivesse encoberta por qualquer revestimento e tenha sido posta a descoberto a quando dos restauros do princípio deste século, aos quais se faz referência no jornal citado.

Trata-se duma tumba parietal, singelíssima, a que faz moldura um arco em ogiva. Na tampa, em caracteres góticos, os dizeres «Este: he: de. afonso vjeira: e de sua:

(1) Ano de 1908, n.ºs 318 e 319.

(2) Colegiada de Guimarães, vol. XXV, pág. 39-52.

neta M» (mutilada a última letra). Por baixo e ao centro da inscrição, a abreviatura de Afonso, encimada por uma vieira. O círculo que se vê entre o «A» e a vieira, deve ser o «o» elevado que completa a abreviatura, formando conjunto curioso e agradável, certamente a divisa do tumulado. (Fig. 2)

Conjecturávamos que seria a segunda metade do século xv a época provável da factura do túmulo, com base no formato do arcaz e no do arco do vão em que se encontra, mas para segurança das nossas hipóteses, socorremo-nos da muita gentileza do mestre epigrafista e bondoso amigo Snr. J. M. Cordeiro de Sousa, que para a inscrição fixou a mesma época.

E quem era o tumulado, quem era este Afonso Vieira, que na modéstia da decoração do seu túmulo acha suficientemente o seu nome e a sua divisa? É de crer que fosse pessoa importante, que se o não fora, também não teria lugar como aquele. Para a sua identificação partimos da época provável da factura do sarcófago, remontando aos ascendentes dos numerosos Vieiras que pelo séculos xvi e xvii encontramos em Guimarães.

Uns têm nome bastas vezes citado, como o Dr. Baltazar Vieira (1), representado com suas irmãs no quadro «Pentecostes» (2), atribuído a António Vaz, pintor vimaranense do séc. xvi, ou como os de Jorge do Valle Vieira (3) e Bartolomeu do Valle Vieira (4), sobrinhos do primeiro. Outros, quase desconhecidos, vieram ao trato por mero acaso.

Foi assim que soubemos que no primeiro quartel do séc. xvi uma Ana Vieira (casada com Gonçalo Pires Pinto) era mercadora de sedas e habitava a «Rua Sapateira» (5);

(1) Boletim de Trabalhos Históricas, vol. X, n.º 1 e 2, pág. 15 ou Revista de Guimarães, vol. XXXIX, pág. 210, publicando documentos. O nome completo é Baltazar Vieira de Carvalho.

(2) Petente ao Museu de Alberto Sampaio.

(3) Fidalgo da Casa de Sua Magestade e do Hábito de Cristo, arcebispo de Fonte Arcada e provedor da Misericórdia em 1603.

(4) Administrador do vínculo de Espírito Santo, instituído em 30 de Janeiro de 1579, por seu tio. Ver Abade de Tãgilde «Guimarães e Santa Maria», pág. 131.

(5) Boletim de Trabalhos Históricas — Inquirições de pureza de sangue, de 1656.

e soubemos também que a 23 de Maio de 1580 «falece no Convento de Sta. Clara do Porto, na idade de 77 anos, a vimaranense Madre Ana das Chagas, modelo das mais sublimes virtudes christãs, filha de um capitalista de Guimarães. Chamava-se no século Ana Vieira, e deixou o mundo na ocasião em que seus pais lhe ofereciam a mão de um gentil mancebo, professando naquele convento por ocasião da reforma da Ordem em 1569» (1). É fácil crer que esta clarissa pertencesse aos mercadores da Rua Sapateira. Um mercador de sedas do séc. XVI não seria um fraco negociante que não pudesse bem ser «capitalista» e a coincidência de nome e apelido favorece que se admita tratar-se de mãe e filha, sabido que era frequente as filhas seguirem os apelidos maternos.

Com o nome do nosso tumulado cita o Abade de Tágilde (2) o procurador do prior do Mosteiro, Estevão Peres, num pleito de 1400. Tratar-se-á da mesma pessoa? Informação verbal (3) diz-nos que se tinha o do túmulo por almoxarife em Guimarães. Não obstante conseguirmos recolher muitos nomes de almoxarifes no séc. XV e XVI, tanto na documentação publicada como em manuscrita, até agora não encontramos nenhum com tal nome.

Albano Belino (4), que leu a inscrição, não bordou considerações quanto à identidade de Afonso Vieira.

Preendendo desenlearmo-nos da teia em que nos víamos, tomámos por apoio a «Pedatura Lusitana», de Cristóvão Alão de Moraes, tido por escrupuloso. Este linhagista ocupa-se como veremos, por duas vezes, da descendência de Afonso Vieira, apresentando duas árvores que, se não coincidem em todos os pontos, apresentam correspondências muito flagrantes.

Assim, em «Vieiras do Porto e Guimarães» temos um Afonso Vieira, mercador, que vivia no Porto em 1436, por hipótese pai de Gonçalo Afonso Vieira, que também

(1) É muito para lamentar que o probo J. L. de Faria não refira as fontes. Ver Efemérides, II, na data citada.

(2) Documentos Inéditos dos séculos XII-XV, relativos ao Mosteiro do Salvador de Souto, Porto, 1896, pág. 68.

(3) De Armindo António Pereira, empregado do Museu, que o ouviu do Fundador do Estabelecimento, Sr. Alfredo Guimarães.

(4) Arqueologia Cristã, pág. 121.

poderia ser filho «de outro Afonso Vieira que viveu em Guimarães» (de quem se ocupa noutro passo da mesma obra). Oriundo de Guimarães ou do Porto, o certo é que este Gonçalo Afonso Vieira «por ser contador de entre Douro e Minho viveu em Guimarães, por estar quasi no meio da Província».

O genealogista cita-lhe três filhos: Martinho Afonso Vieira, «O Grilo», Fernão Vieira e João Vieira, que casou com Mécia Brás da Maya, senhora que foi assim, por afinidade, neta do citado Afonso Vieira. Foi seguindo este autor que o Snr. Alfredo Guimarães leu com a inicial «M» o nome de Mécia? (1)

Na mesma Pedatura Lusitana (Tomo I, Volume I, pág. 571) se trata dos Vieiras de Guimarães de forma bastante confusa, em que mais uma vez aparece Mécia Brás da Maya, mulher de João Vieira. Tão confuso o assunto se apresenta que o autor adverte «seja o que for nesta matéria que não podemos agora averiguar: o certo é que o primeiro de quem podemos começar esta família é o que se segue:

1 — Afonso Vieira foi hũ homẽ muito honrado de G^{es}».

Foram seus filhos Diogo Afonso Vieira (2) e Guiomar Vieira. Ela veio a ser mulher de Diogo Machado da Maya. Seriam os pais de Mécia Brás da Maya? O linhagista, desprezando o ramo feminino, deixa-nos interrogativos mas inclinamo-nos a pensar que ou neta por afinidade ou filha de uma filha (Guiomar) era justa a leitura de Mécia na legenda do túmulo de que nos ocupamos. Assim, nada obriga que abandonemos a hipótese de que este «homẽ muito honrado de G^{es}» fosse também mercador, porventura até da família daquelas duas Anas, a mercadora de sedas e a clarissa, de quem já falámos.

(1) Guia de Turismo de Guimarães, ed. 1953, pág. 116.

(2) O mesmo autor chama-lhe noutro passo, como vimos, Gonçalo.

Seu filho, Diogo Afonso Vieira (ou Gonçalo?) também casou e «depois de viuvo se fez clérigo, e foi Thezoureiro mor da Collegiada de G^{es}».

Tem-se por seguro que o Dr. Baltazar Vieira de Carvalho é ilustre descendente deste Afonso Vieira, de Guimarães (seguindo a mesma «Pedatura») e assim parece-nos curioso localizar a sua Casa no Largo da Oliveira, de frente para a casa da Câmara. Lá está ainda, marcadas as colunas com vieiras, o que não é extraordinário, pois muito devoto de Santiago as adoptava, ou mesmo peregrino da Terra Santa, mas que no caso presente, cremos tenham valor de uma assinatura (Fig. 3).

No testamento de Jorge de Vale Vieira, de 5 de Janeiro de 1618 ⁽¹⁾, diz ele que herdou um morgadio constituído por «casas sitas na praça desta vila em que vivo que nele (sic) mandou reedificar de novo que são as em que moravam meus avós assim direitas como vão da Praça até a travessa de Trespõe» ⁽²⁾.

Por outro lado, o P.^e Torquato de Azevedo, tratando «Dos Morgados e Vínculos» ⁽³⁾ diz que «Bartolomeu do Valle Vieira instituiu morgado com sepultura na real colegiada, ⁽⁴⁾ e obrigação de missas no oratório da Câmara, de que é administrador Manuel Pereira de Azevedo Vieira, moço fidalgo, com casas na Praça Maior» que estamos em crer não deixa de ser a mesma velha casa dos Vieiras, que o Dr. Baltazar Vieira de Carvalho «reedificou de novo» e onde a elegância das colunas atesta ainda o gosto purista italianizante da segunda metade do século XVI (Fig. 4).

Na confusão que persiste quanto à origem de Gonçalo Afonso Vieira, não se considerou que o mesmo

⁽¹⁾ Eduardo de Almeida — A Capela de S. Roque e a Ermida do Bom Jesus do Calvário, in «Revista de Guimarães», vol. XXXIII, pág. 47 e seguintes.

⁽²⁾ Talvez seja a Viela do Estorpão a que se refere o P.^e António José Ferreira Caldas, em Guimarães. Apontamentos para a sua história», Porto, 1881, vol. I, pág. 161. Esta viela, hoje desaparecida, tinha em tempos deste autor, o nome de Travessa do Monte Pio.

⁽³⁾ Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães, pág. 363.

⁽⁴⁾ Não temos localizada esta sepultura.

mercador seu pai, que vivia no Porto em 1436, poderia ser vimaranense, tendo casas em Guimarães, terra onde seu filho, «contador de Entre Douro e Minho», viveu.

Por ventura o julgar-se o Afonso Vieira do túmulo como almoxarife não andaria longe de o tomar pelo Gonçalo Afonso Vieira, avançando assim já bem nos meados do século XVI, o que nem a análise da forma do arcaz, nem a da letra da legenda autorizam. De 1550, datado, existe no mesmo claustro o túmulo de Manuel de Valadares que nos dá clara notícia do conhecimento de formatos de túmulos ao gosto do tempo. De resto, parecendo-nos justa a leitura de Mécia, tudo está de acordo.

Ao Dr. Baltazar Vieira de Carvalho se deve a factura de duas obras de arte actualmente no Museu de Alberto Sampaio. Uma, é o quadro da descida do Espírito Santo, atribuído a António Vaz, em que, como já referimos, ele e duas irmãs, Camila e Brites, estão representados. O quadro atesta a devoção ao Espírito Santo, sob a invocação do qual foi instituído o «morgado dos Vieiras cuja cabeça he a quinta da Torre na Ribr.^a de Vizella» (1).

A outra peça é a imagem de S. Sebastião «em tamanho capaz de ir na procissão» que se fazia «ao redor da vila» e em que se meteria o seu relicário de ouro, imagem feita de prata que tinha em casa, segundo cláusula do seu testamento de 30 de Janeiro de 1578 (2).

Ao primeiro dos Vieiras julgamos se deve o artístico cruzeiro de Nossa Senhora da Guia. Caso contrário, porque havia de aparecer marcado com a mesma divisa, do túmulo? Este cruzeiro, segundo o Abade de Tãgilde esteve junto da casa onde nasceu Martins Sarmento, «quasi ao pé da esquina do Campo da Feira para o largo dos Trigais e aqui vinham as procissões que saíam da Igreja de Nossa Senhora da Consolação». Em frente, embrechada na muralha, estava a primitiva capelinha da Guia.

(1) Pedatura Lusitana, Tomo I, vol. I pág. 576, onde o A. se ocupa dos Carvalhais de Guimarães.

(2) J. L. de Faria — Efemérides, I, data citada.

Actualmente, por iniciativa do Sr. Alfredo Guimarães, e para protecção conjunto, está o cruzeiro menos sujeito às nortadas e ao vandalismo do garotio, num recanto formado pelo exterior do claustro e o da Capela de S. Brás, do Museu Regional de Alberto Sampaio (Fig. 5).

Classificado embora do séc. XVI⁽¹⁾, a análise estética da peça não nos autoriza a irmos tão longe. Tanto o cruzeiro como o túmulo, devem ter sido realizados ainda em vida do senhor daquela divisa e já vimos que a nossa hipótese quanto à identificação de Afonso Vieira e a opinião do Sr. Cordeiro de Sousa, quanto à letra do túmulo, estão de acordo (segunda metade do século XV).

O Abade de Tâgilde⁽²⁾ julga provável que o culto de Nossa Senhora da Guia date da época da edificação da torre das muralhas, em que a primitiva capelinha estava inserida (século XV). A oferta do cruzeiro deve ter sido por meados do mesmo século. Admitimos que tenha havido intensão semelhante à desse outro vimezanense Pero Esteves, mercador, que levantou a «sua cruz» diante da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em honra da mesma Senhora da Oliveira, no século atrás (1342).

De granito fino, é uma obra curiosíssima, já considerada em conjunto, já no pormenor. A largura da factura, o todo de movimento que ressalta, pode iludir numa primeira impressão, levando-nos até a colocá-la numa época muito próxima de nós. Atentando porém na Virgem, regista-se logo um certo grafismo nos panejamentos que a arcaíza; outrotanto se dá ao notarmos a auréola de flamas limitada à cabeça, não sendo menos significativa a do Cristo em que se sobrepõe a Cruz de quatro cunhas.

É este cruzeiro uma das mais formosas peças do género e pena é que nada nos autorize a considerá-lo nacional. Pelo contrário, julgamos que certos aspectos da composição implicam contacto com as escolas estrangeiras pouco de aceitar em artista português da época.

(1) Guimarães. Guia de Turismo, 1953, pág. 158.

(2) Guimarães e Santa Maria, pág. 126.

É certo que se atribue a origem nacional a uma outra escultura, também do século xv, de raro carácter, existente no Museu de Alberto Sampaio — a soberba jacente da Primeira Duquesa de Bragança (Fig. 6). É de supor que artista capaz de tal obra não acharia dificuldades para realizar este grupo do cruzeiro. Mas parece-nos estranho à nossa arte de então, nomeadamente se atentarmos no gesto da Senhora e no da Madalena, com certo maneirismo a destapar o vaso de bálsamo, fazendo-nos pensar nas buscas de realismo flamengas que só artista muito próximo delas estaria em condições de dar, numa composição de tal segurança.

Até mesmo a figura do doador, que ajoelha em oração, é uma novidade na nossa obra escultórica. E é curioso que nunca conseguimos deixar de pôr a par a forma que os artistas do cruzeiro e da jacente têm ao tratar os panejamentos da capa do doador e o das mangas do hábito da Duquesa, com um pregueado alto, redondo, que se não pode atribuir à rijeza do material, porque no fato da Senhora o tratamento é absolutamente diferente, intencional ou inconscientemente influenciado por modelo. A grande capa da figura que está à cabeça do Cristo, iconograficamente S. João, se bem que no caso muito pareça uma figura de mulher, apresenta também fundas semelhanças com as largas roupagens da jacente, especialmente na riqueza da factura.

Crentes na unidade de autoria da jacente e do cruzeiro, opinamos que o escultor que lavrou aquela seja estrangeiro, o que, pelo que respeita ao cruzeiro, nos parece evidente.

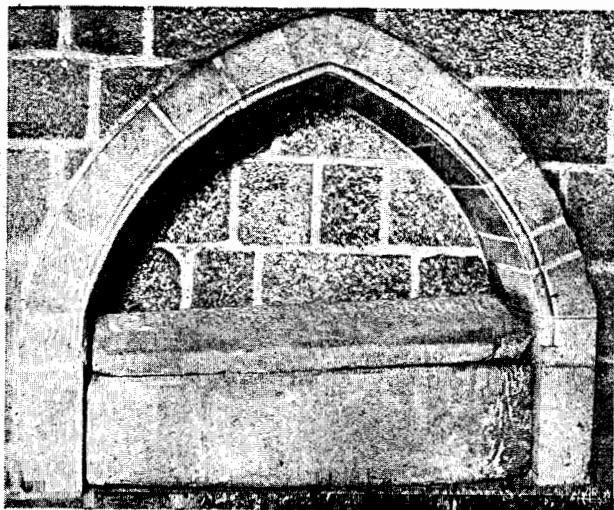


Fig. 1 — Túmulo de Afonso Vieira, no Museu Regional de Alberto Sampaio.



Fig. 2 — Pormenor da tampa do túmulo com a divisa de Afonso Vieira.

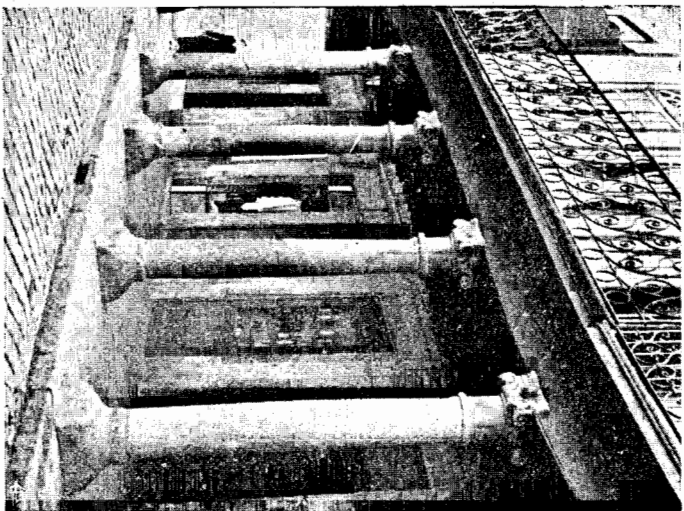


Fig. 3 — Casa quinhentista no Largo da Oliveira

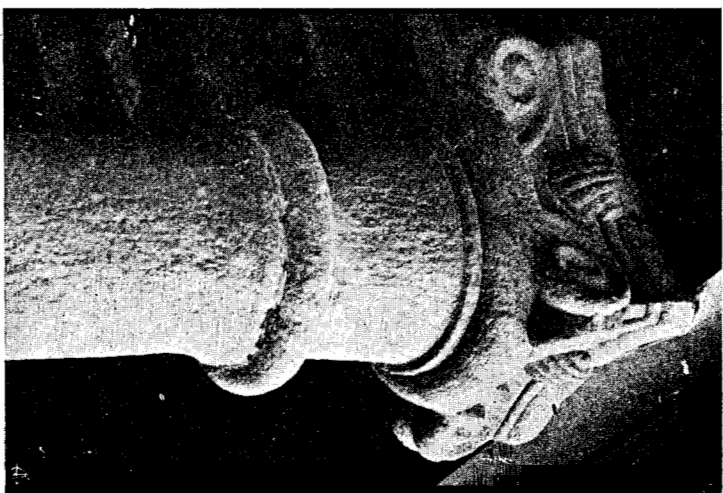


Fig. 4 — Formenor, vendo-se o capitel marcado com a Vieira.



Fig. 5— *Cruzeiro dito de Nossa Senhora da Guia.*



*Fig. 6 — Jacente da Primeira Duquesa de Bragança, exposta
no Museu Regional de Alberto Sampaio.*

(Depósito da Ordem Terceira de
S. Francisco, de Guimarães)